

## **A INFÂNCIA NA ESCOLA: O OLHAR DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DAS REDES PÚBLICAS MUNICIPAIS DA REGIÃO DO AGRESTE /PE.**

**Nádia Priscila de Lima Carvalho<sup>1</sup>; Conceição G. Nóbrega Lima de Salles<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Estudante do Curso de Pedagogia - CAA - UFPE; E-mail: nadiapri1@hotmail.com,

<sup>2</sup>Docente/pesquisador do Depto de Núcleo de Formação Docente – CAA – UFPE. E-mail: cgislane@terra.com.br.

**Sumário:** O tema infância vem ganhando espaço no meio acadêmico com relação ao desenvolvimento de pesquisas nessa área, sobretudo, no que diz respeito a perspectiva da criança com relação a mesma. O presente trabalho se insere neste contexto de interesse de pesquisa, o qual busca compreender a relação entre infância e escola e como esta relação vem sendo afirmada/negada dentro do espaço escolar. Do ponto de vista teórico, partimos da problematização da própria noção de infância e sua educação e buscamos dialogar com autores como Bujes(2001); Canavieira e Caldeiron (2011); Oliveira-Formozinho e Araújo (2008);Kramer (2007); Sarmento e Pinto (1997); Oliveira (2002); Kohan (2003,2004), dentre outros. Neste estudo foram realizadas investigações com crianças e não sobre crianças. O mesmo teve como campo empírico duas escolas da Rede Municipal do Município de Brejo da Madre de Deus, uma sede e outra anexo, a saber: a escola N. S. B. C e o anexo N. S. B. C. 3 que atende a pré-escola e o 1º ano em diferentes anexos, mais precisamente em uma turma do pré-escolar II e em uma turma do primeiro ano dos anos iniciais do ensino fundamental. Para coleta de dados foram realizadas observações e entrevistas por meio de rodas de conversas com crianças com idade de 4 à 6 anos, visando mapear um perfil mais abrangente dos sentidos acerca da infância. As vozes das crianças, em sua maioria, indica que o cotidiano escolar é fortemente marcado por uma lógica e uma cultura “escolarizante” do ensino fundamental que acabam por delimitar as abordagens acerca do que é alfabetizar, onde as atividades são excessivamente relacionadas a escrita do nome; da iniciação á alfabetização, centradas sobretudo, no conhecimento e memorização das letras e números. A infância no espaço escolar, e no tempo dado as crianças, é vista de uma forma restrita. Ela é afirmada no discurso, mas na prática se caracteriza como estando à margem das atividades. Por fim, as nossas investigações apontam que o lugar atribuído a criança e a infância entre as crianças é diversa e uma questão bastante tênue. Existe frente a isso a necessidade de criação e desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para o universo infantil e para sua afirmação.

**Palavras-chave:** criança; escola; infância

### **INTRODUÇÃO**

Os discursos mais correntes no que se referem à infância nos conduzem a pensar e imaginar sempre que a infância é algo natural, uma etapa da vida pela qual, todos passam antes de chegar à idade madura, e que sempre fora tratada da mesma maneira, como distinta da fase adulta, necessitando de cuidados e proteção especiais, roupas adequadas e orientação dos pais. No entanto, ainda existe um paradoxo entre a visibilidade social da infância e entre o lugar que atribuímos a ela entre nós. Tal como afirma Calvert (cit. In POLLARD, 1985:39) “as crianças são importantes e sem importância; espera-se delas que

se comportem como crianças, mas são criticadas nas suas infantilidades”. O crescimento das pesquisas e do campo de estudos da infância em diferentes áreas, como sociologia, antropologia, história, filosofia, educação, psicologia, dentre outras, vem contribuindo significativamente para a construção de novos mapas interpretativos que aponta para uma nova compreensão da infância e das crianças. Nesses estudos, uma preocupação fundamental tem sido a de apreender cada vez mais as vozes e o ponto de vista das crianças e, desta forma, romper com as visões epistemológicas adultocêntricas. Trabalhar com essa perspectiva de dar a voz às crianças, constituir um olhar para a criança enquanto ser capaz, completo e ativo, que pode contribuir e nos dizer sobre elas mesmas no processo de construção de suas subjetividades, bem como de formação e afirmação de diversas infâncias, tem sido um grande desafio. Neste sentido, mais do que um objeto constituído de pesquisa, o que está em jogo e em discussão aqui nessa pesquisa é a possibilidade de um descentramento do olhar do adulto como única condição de percepção das crianças e de inteligibilidade da infância, ou quem sabe, a possibilidade de começarmos a pensar, a partir desses gestos infantis, os sentidos de um educar com crianças. O presente trabalho se insere neste contexto de interesse de pesquisa, o qual busca compreender a relação entre infância e escola e como esta relação vem sendo afirmada/negada dentro do espaço escolar.

### **MATERIAIS E MÉTODOS**

Neste estudo foram realizadas investigações com crianças e não sobre crianças. O mesmo teve como campo empírico duas escolas da Rede Municipal do Município de Brejo da Madre de Deus, uma sede e outra anexo, a saber: a escola N. S. B. C que atende a pré-escola e o anexo da N. S. B. C. 3 que atende o 1º ano. Mais precisamente, a pesquisa se deu em uma turma do pré-escolar II e em uma turma do primeiro ano dos anos iniciais do ensino fundamental. Para coleta de dados foram realizadas observações e entrevistas com crianças com idade de 4 à 6 anos, visando mapear um perfil mais abrangente dos sentidos acerca da infância.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na análise do conjunto das entrevistas realizadas com as crianças, vários elementos se sobressaíram. Os sentidos presentes entre as próprias crianças no contexto da escola hoje, como ambiente, instituição, forma, espaço, tempo e como mundo das crianças e das infâncias, não apenas nos interroga como nos questiona, sobretudo como a potência da infância está sendo acolhida, (in)visibilizada ou afirmada no contexto escolar.

O espaço escolar se constitui como um espaço de relações sociais e perpetuação das culturas infantis. No contexto escolar observado da pré-escola e do 1º ano do ensino fundamental, podemos inferir que há uma prática muito voltada para a escolarização precoce. A escola se mostra como lugar de atividades de ler e de escrever, tanto na pré-escola como no 1º ano onde as atividades são excessivamente relacionadas a escrita do nome; da iniciação á alfabetização, centradas, sobretudo, no conhecimento e memorização das letras e números. Nas percepções das crianças sobre o que elas aprendem na escola, dois elementos se sobressaem: ler e escrever. Isto fica evidente na fala de Alicia de 6 anos, onde a mesma diz “Aprendo a ler e escrever todos os dias”. Curiosamente, a pré-escola caracterizada por uma fase marcante na vida das crianças aparece, segundo a fala das crianças como não muito diferente do 1º ano. As crianças foram unânimes em afirmarem que o que mais faziam eram tarefas e a escrita de seus nomes. No geral, falam do seu fazer e aprender sem muita empatia pelo que fazem. Laylla de 5 anos em sua fala abaixo nos aproxima dessa realidade quando fala que o que mais faz na escola é “escrever e fazer o nome na escola e em casa”. Corroborando com essa questão Leandro de 4 anos diz que “aprende a escrever e a ler”.

No seu conjunto, essas falas nos indicam que as atividades relacionadas com a emergência da leitura e da escrita são em sua maioria centrada na memorização e repetição das letras e dos números, onde se tem claramente delimitado que o que se aprende na escola é o desenvolvimento intelectual pontual em detrimento de outras dimensões.

Isto nos leva a inferir que há uma minimização de uma prática educativa em que as crianças são sujeitos de suas aprendizagens reconhecidas nas suas formas próprias de ser, pensar e agir. Diante disso, a escola não consegue em meio a sua ênfase conteudista afirmar e ampliar o universo infantil, uma vez que o mesmo é minimizado em detrimento das questões mais cognitivas.

Contudo, as crianças apesar de todos os limites impostos, da separação entre a “hora de aprender” e a “hora de brincar”, as crianças, pelo que podemos observar, conseguem inserir no cotidiano a vida que pulsa dentro do espaço escolar, por meio das brincadeiras que fazem escondidas da professora; de um brinquedo dentro da mochila; de uma ida ao banheiro ou muitas idas, uma cultura do brincar e aprender mais centrada no prazer e na alegria enquanto aspectos significativos e necessários para o desenvolvimento das crianças. A fala de Alex de 6 anos é reveladora deste interesse. Perguntado onde mais gosta de brincar, ele responde que “Gosto de sair da sala e brincar nessa sala, mas fecharam ai agente não brinca mais”. A sala a que Alex se refere não funciona, a mesma é um espaço, no qual as crianças não podem entrar. Na tentativa de escapar da sala de aula as crianças inventam e se reinventam a todo o momento e do mesmo modo que consegue atribuir significados as coisas segundo sua imaginação, também consegue subverter a ordem das coisas segundo a sua condição de ser criança e assim dinamizar as “obrigações diárias” na escola.

Este contexto de resistência ao ser criança em função da afirmação do ser aluno comprova uma realidade colocada por Kramer (2006 p. 14) que “é permeada por um paradoxo vivenciado no campo da educação das crianças, qual seja: o de possuir um conhecimento teórico complexo sobre a infância e de ter muita dificuldade de lidar com populações infantis.”

Não por acaso, os estudos sobre infância e a sua educação demonstram a necessidade de afirmação de uma cultura infantil baseada na criança, mas a escola não consegue firmar sua base segundo a especificidade da criança ao enquadrá-la a seu regime, priorizando o estudo em detrimento de outras potências da criança. Daí ser importante a escola ter a compreensão do significado, por exemplo, do brincar; da diversidade presente na escola para um currículo destinado à infância.

A esse respeito, as crianças, nas falas abaixo, ao falarem sobre seu tempo na escola, denotam uma rotina, na qual o lugar que o brincar ocupa dentro da mesma é quase inexistente. Alex de 6 anos exemplifica o que faz diariamente dizendo que “A professora conta história, reza e faz tarefa”; Tauane de 6 anos diz “Eu leio” e Gabriela de 4 anos diz “Fazer tarefa e estudar”.

Pelo exposto, há que se ter mais atenção com a forma e a presença do brincar na rotina das crianças, evitando que o mesmo seja considerado uma atividade residual e pontual. Do mesmo modo se faz necessário atentar para como as atividades de aprendizagens são apresentadas às crianças, já que a rotina parece evidenciar a escolarização em detrimento da criança e da afirmação da infância.

## CONCLUSÕES

A infância no contexto escolar, partindo das falas das crianças, se refere a uma infância marcada pelo contexto conteudista e alfabetizador desde a pré-escola, que por sua vez, focaliza a sua prática na escrita e conhecimento de letras e números diariamente. A escola para as crianças é lugar de estudar, a professora, para elas, não tem outra função que

não seja a de ensinar. A infância no contexto escolar observado não se apresenta como elemento que esteja sendo considerado como esperado, logo, não existe na prática esse diálogo entre a escola e o que é específico aos sujeitos a que ela atende. Tanto no espaço como no tempo dado as crianças, a infância é vista de uma forma restrita. Ela é afirmada no discurso, mas na prática se caracteriza como estando à margem das atividades. Existe frente a isso a necessidade de criação e desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para o universo infantil e para sua afirmação. Não podemos desconsiderar por completo um direito subjetivo que toda criança precisa vivenciar: o direito de ser criança e ter infância.

### AGRADECIMENTOS

Ao Centro de Acadêmico do Agreste, por ceder as instalações para o desenvolvimento da pesquisa, ao CNPq por fornecer recursos que subsidiaram as despesas, a Professora Conceição Salles, pelas orientações. As crianças e escolas, por participarem e nos permitir realizar a pesquisa.

### REFERÊNCIAS

- BUJES, M. I. E. 2001. Escola Infantil: pra que te quero? In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. da S. (org). *Educação infantil: pra que te quero?* Editora Artmed. Porto Alegre, p. 13-22.
- CANAVIEIRA, F. O. ; CALDEIRON, A. C. 2011. Relações entre as crianças pequenas e a produção das culturas infantis: vistas, ouvidas e citadas. In\_\_ : *Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa*. Autores Associados. Campinas, SP, p. 153-170.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. & ARAÚJO, S. 2008. Escutar as vozes das crianças como meio de (re)construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas. In: Oliveira-Formosinho, J. (org.). *A Escola vista pelas crianças*. Porto Editora. Porto, p. 13-26.
- KOHAN, Walter Omar. 2003. *Infância. Entre Educação e Filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica.
- KOHAN, Walter. Omar. 2004. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: KOHAN, W. (Org.). *Lugares da Infância*. Editora DP&A. Rio de Janeiro, p. 51-67.
- KRAMER, S. 2007. A infância e sua singularidade. In: *Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. (orgs) Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, p. 13-22.
- MORENO, G. L.; PASCHOAL, J. D. 2009. A Criança de Seis Anos no Ensino Fundamental: Considerações Iniciais. In: BRANDÃO, C. da F.; PASCHOAL, J. D. (orgs.). *Ensino Fundamental de Nove Anos: teoria e prática na sala de aula*. Avercamp. São Paulo, p. 37-50.
- OLIVEIRA, Z. R. de. 2002. *Educação infantil: fundamentos e métodos*. Editora Cortes. São Paulo.
- REDIN, M.M. 2012. Múltiplas Linguagens na Infância. Um mundo cheio de “girabelhinhas”. In: BARBOSA, M.C., DELGADO, A.C.C.(Orgs.). *A infância no ensino fundamental de 9 anos*. Porto Alegre: Pens
- SARMENTO, M. J. ; PINTO, M. 1997. *As crianças: contextos e identidades*. Braga.Centro de Estudos da Universidade de Minho.